

# Seven – os Sete Crimes Capitais

Brian Godawa

Um filme profundo e perturbador que trata dos resultados negativos do relativismo existencial é o suspense *Seven – os Sete Crimes Capitais* (1995), escrito por Andrew Kevin Walker e estrelando Brad Pitt e Morgan Freeman. Muitos consideram esse filme grotesco, embora, na verdade, quase nada que revele a sua verdadeira violência é mostrado. Como em um bom romance (e na Bíblia), a maioria dos atos malignos são deixados para a nossa imaginação.

Em *Seven – os Sete Crimes Capitais*, o assassino, após ser apanhado por causa dos seus assassinatos – todos baseados nos sete pecados capitais descritos no *Inferno*, de Dante Alighieri –, explica aos dois detetives que, quando a sociedade ignora os absolutos morais, na verdade está gerando o pior tipo de mal. Um mundo que já não acredita no pecado também já não possui autoridade para distinguir as diferenças morais ou condenar o pior tipo de vilania. Esse filme, no qual o assassino é filosoficamente correto, nos faz olhar para nós mesmos e ver que tipo de monstros nos tornamos.<sup>1</sup> No século 19, testemunhamos a “morte de Deus”; no século 20, testemunhamos a sua consequência: a morte da humanidade.<sup>2</sup>

Muitas pessoas evitam esses filmes sangrentos sobre assassinos em série por causa de sua perspectiva sombria. Na verdade, muitos deles são explorações. Mas se feitos com a perspectiva correta, os filmes desse gênero podem oferecer alguns dos sinais mais fortes da falsidade da crença na bondade da natureza humana. Os assassinos em série geralmente são inteligentes e bem-educados. Por isso, destroem a crença do Iluminismo de que, quanto mais inteligentes nos tornamos, mais virtuosos seremos. Mas isso pode também lançar dúvidas sobre as teorias psicológicas contemporâneas da insanidade criminoso. A verdadeira insanidade não poderia ser tão racional, o que significa que esse tipo de comportamento é deliberadamente maligno.

**Fonte:** *Cinema e Fé Cristã*, Brian Godawa, Editora Ultimato, p. 78.

---

<sup>1</sup> O autor de *Seven – os Sete Crimes Capitais*, Andrew Walker, não queria apresentar necessariamente uma visão de mundo cristã em seu *script*. Na verdade, ele pode ter atacado o cristianismo em sua representação dos meios “religiosos” que as pessoas usam para “limpar” a sociedade dos males que nela percebe. Alguns dos outros filmes de Walker, entre eles *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça* e *Oito Milímetros*, apresentam um preconceito anticristão. Mesmo assim, *Seven – os Sete Crimes Capitais* serve como um exemplo de argumento que involuntariamente ilumina a superioridade do contra-argumento. As pessoas que afirmam que a moralidade é relativa ou construída socialmente não têm o direito de reclamar quando alguém age como se essa idéia fosse verdadeira. As idéias têm consequências.

<sup>2</sup> Um filme mais antigo com esse mesmo tipo de indicação perigosa de moralidade existencial é *Festim Diabólico* (1948), de Alfred Hitchcock. Jimmy Stewart interpreta um professor de filosofia nietzschiano que vê suas próprias idéias se voltarem contra ele quando um casal de alunos as usa para justificar o assassinato de outro estudante. Stewart se depara com o fato de que suas idéias têm consequências e que a moralidade é algo verdadeiro e necessário.